

## Uma Saga Maranhense

Embora criado no Ceará e membro de família cearense pelo lado paterno, nasci no Maranhão e descendo, pelo ramo de minha avó materna, de um dos mais antigos clãs de lá — os Caldas.

Isto explica o meu vivo interesse pelas coisas daquele Estado nordestino. Aprendi algo sobre a sua história com minha saudosa mãe e, depois, em publicações concernentes aos fastos maranhenses e através de informes transmitidos de viva voz por conterrâneos meus vindos para cá, um dos quais o pintor Floriano Teixeira, hoje na Bahia. Esse talentoso artista, que viveu entre nós, no Ceará, por longos anos, presentou-me, dentre outras, com uma pintura alusiva à lenda do “encantamento da praia dos Lençóis” lindíssima aquarela que conservo entre os quadros de minha pequena pinacoteca.

O episódio da Balaiada, então, sempre me fascinou, não apenas pela peculiaridade de ser a mais autenticamente popular revolução brasileira, como ainda porque nela combateu e foi morto, como oficial do Exército Imperial trazido por Caxias, o próprio filho do Ministro da Guerra, Brigadeiro Jerônimo Francisco Coelho, o tenente Roberto Francisco Coelho, meu bisavô.

Entende-se, pois, que eu me interesse vivamente por tudo o que diz respeito ao Maranhão, terra de meu nascimento embora não a conheça bem DE VISU, uma vez que vim para o Ceará, que passou a ser minha terra de adoção muito amada, com menos de quatro anos de idade, e daqui não mais ardeei pé, graças a Deus, salvo o tempo em que estudei no Rio de Janeiro e as breves viagens a outras regiões do país.

Recebendo, há pouco, com amável dedicatória, um livro tipicamente maranhense, por ser de lá a família de sua autora e por tratar de lenda histórica local de rico conteúdo poético, natural seria que para ele me voltasse com interesse e curiosidade (*Romanceiro do Bequimão* — Stella Leonardos — Edições Siege — São Luís — 1979).

A obra é dedicada “ao Maranhão — terra de meu pai, pais de meus pais, avós de meus avós”, o que por si só já demonstra o grande afeto da poetisa — pois é de poesia o seu conteúdo — à terra de seus maiores, visto como já nasceu a poetisa no Rio de Janeiro, numa destinação tipicamente nordestina. Afeto esse manifesto nos próprios versos, naturalmente, em que se sobressai a redondilha maior, sem desprezo da redondilha menor, e dos versos de poucas sílabas, tão do gosto dos poetas populares, o que torna a obra ainda mais autêntica

para o plano que a autora se traçou — romancear (seja-me perdoada a expressão aparentemente imprópria para livro de poesia) um dos episódios mais interessantes, porque misterioso, da história maranhense. Seguindo essa técnica, perigosa porque dela só escapam ilesos os legítimos poetas, Stella Leonards nos surpreende freqüentemente com versos de uma riqueza incontestável, em que o arcaico se casa, maravilhosamente, com o linguajar do povo, enriquecido de expressões indígenas e africanas, que se cruzam. Vejamos um exemplo, exatamente o exórdio do longo poema, intitulado “Descante Primeiro”:

Lá dos antigos sobrados  
de azulejo feito a mão  
uma saudade em pedaços  
me conta do Maranhão.

Quem mais que sobrados contam  
sem remissão?

Junto às carrancas crispadas  
da Fonte do Ribeirão  
tento ouvir fluidos pedaços  
da história do Bequimão.

Quantos dos livros mal contam  
por omissão?

Nas ruas antepassadas  
de São Luís do Maranhão  
espraiaram-se pedaços  
da história de heróis de então.

Mas mesmo o não dito conta  
do Bequimão.

E nos verdes-e-azuis mares  
das praias do Maranhão  
rola e canta a liberdade,  
vagam vaga e vagalhão

contando sonhos sem conta  
do Bequimão.

Uma das estrofes do livro diz respeito, precisamente, à “Balada do Touro Encantado”, aquela que serviu de tema à bela aquarela de Floriano Teixeira, a princípio aqui aludida.

Não me contenho e passo a transcrevê-la, para que o leitor não fique privado do conhecimento desses versos, que apenas servem de amostra, como os demais transcritos nesta crônica, do quanto de belo e escatológico há nesse livro de Stella Leonardos:

Enquanto as rocas vão fiando  
duas vozes tecem telas.  
Enquanto se fia canto  
vão tecendo mãos donzelas:

Pela praia dos Lençóis  
das adunadas areias  
divagam vagos reinóis  
da corte que fantasmaia.  
À frente da estranha grei  
— reinando sobre os espectros —  
erra o espírito del-rei  
Dom Sebastião, vago cetro.  
Sexta-feira vindo escura  
el-rei se transforma em touro.  
Na pele, uma noite pura.  
Na testa, uma estrela de ouro.  
Não havendo no céu prata  
nem de estrela nem de lua  
o coro das açafatas  
se alça do mar e flutua.  
Canta a cidade embruxada?  
Segundo a lenda. Que diz:  
se el-rei for desembruxado  
adeus luzes de São Luís!  
Ah cidade irreal submersa  
no seio oculto das águas!  
De ti quanta mágoa emerge,  
saudades água-mãe de mágoa!

Enquanto as rocas vão fiando  
dos fios de vozes belas,  
as horas sonham, nos cantos,  
idos reis, irreais donzelas.

A autora, Stella Leonardos da Silva Lima Cabassa, filha do engenheiro maranhense Antônio Caetano da Silva Lima

e da escritora Alice Leonardos da Silva Lima, de ascendência grega, à difícil arte literária se acha vinculada geneticamente, pois é de intelectuais a sua família. Por isso é rica a sua bagagem de cursos e títulos conquistados no mundo das letras, entre as quais quatro prêmios da Academia Brasileira de Letras — *Teatro em verso*, *Poesia*, *Romance e Tradução*. Casada com o bioquímico portorriquenho Alejandro José Cabassa Ripol, foi-lhe dada a oportunidade feliz de internacionalizar seus conhecimentos, impondo-se como tradutora de obras espanholas, inglesas, francesas, italianas, etc. Não lhe faltou, assim, a dimensão universal indispensável no tratamento de temas regionais, como esse do Bequimão, com destino a um sucesso extratemporal e extra-regional.

Creio prestar um real serviço aos leitores se transcrevo, ainda, como fecho feliz desta crônica de sincera louvação, a estrofe final do “Romanceiro do Bequimão”, “Descante Último”:

Se passardes por acaso  
por São Luís do Maranhão,  
amigos, sustai o passo:  
sob o solo há um coração.

Está vivo, pulsa e conta  
do Bequimão.

Nem será por mero acaso  
que por todo o Maranhão  
haveis de viver pedaços  
de sonho do Bequimão.

Daquele sonho sem conta  
de tanto e tão.

Como nos verd'azuis mares  
Das praias do Maranhão  
onde a saudade se espraia,  
cantam vaga e vagalhão.

Contando o que o sonho conta  
do Bequimão.